



# O Campo

Edição 6 • dezembro • 2014

 Coopermeta

## FRUTOS NATALINOS

 9ª Coopershow  
será no final de janeiro

 Gotejamento subterrâneo  
amplia área irrigada

# 9<sup>a</sup> CooperShow

Semeando Tecnologia. Colhendo Produtividade.



A **MAIOR** FEIRA DE AGRONEGÓCIO E DIFUSÃO DE TECNOLOGIA DO VALE DO PARANAPANEMA

**28, 29 E 30**  
**DE JANEIRO**  
a partir das **8h30**

No Campo de Difusão de Tecnologia Coopermota  
em **CÂNDIDO MOTA**

# FINAL DE ANO, REINÍCIO DE AÇÕES

É chegado o fim de 12 meses de trabalhos e realizações desempenhados durante todo o ano de 2014 e ao mesmo tempo, inicia-se mais uma etapa de ações e práticas cooperativistas e parcerias para todo o Médio Paranapanema em 2015. Esta é a época de plantar amor e colher bons frutos. Cultivamos esperanças e despertamos na maioria de nós os sentimentos de solidariedade e compreensão, importantes para serem manejados e levados para todo o decorrer do ano. Entendemos o Natal como um momento de revisão pessoal e de projeção para os dias que virão. Contudo, no campo as transformações não cessam e é preciso se manter atento a tudo que ocorre nas plantações. Pensando nisso, a revista O Campo traz nesta edição algumas reportagens que refletem esta conjectura de fim de trabalhos anuais, aliada ao início de novas ações e expectativas.

Pensando nas festividades natalinas, trazemos duas reportagens relacionadas a dois frutos que são parte de muitas ceias de Natal, nos festejos deste período. A uva certamente é ornamento e também alimento presente na maioria destas ocasiões. Já o pêssego, um pouco menos comum, é da mesma forma apreciado e utilizado como parte dos arranjos natalinos. Além de incluirmos as duas frutas na lista de preparação das ceias, oferecemos, por outro lado, subsídios para a implementação destas culturas no Médio Paranapanema, por meio de pesquisas e experiências ligadas a fruticultura e especialmente, a uva e o pêssego.

Na busca por melhores condições de produção, não só da fruticultura, mas também de lavouras perenes, como a soja, trazemos também nesta edição, uma reportagem sobre a irrigação subterrânea por gotejamento. Uma experiência ainda inédita na região e que vem sendo realizada pela Coopermota em uma área de soja e terá os seus resultados apresentados ao público participante da Coopershow, em janeiro. A propósito, a feira também é tema desta edição da revista O Campo, ganhando destaque devido à sua ampliação e melhor estruturação para um bom atendimento ao público visitante.

Como parte fixa da revista, a cultura apoiada e fomentada pela cooperativa, tem espaço cativo nas páginas deste impresso, retratando diferentes ações sociais e culturais realizadas pela Coopermota, em geral, em parceria com o SESCOOP e outras cooperativas. Neste caso, dois espetáculos, em Maracá e Palmital, levam o teatro para escolas e à comunidade em geral, onde a Coopermota mantém suas filiais.

Boa leitura.

## ▲ Expediente

Publicação da Cooperativa dos Cafeicultores da Média Sorocabana - Coopermota

EDIÇÃO/ REPORTAGENS E FOTOS  
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP  
Colaboração Bruna Reis Mtb 55 404/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO  
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO  
Gráfica Triunfal

TIRAGEM  
2000 exemplares

ANÚNCIOS  
Departamento de Comunicação Coopermota  
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL  
Guerreiro Agromarket - Florianópolis  
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO  
Av. da Saudade, 85  
Cândido Mota - SP

 **Coopermota**

PRESIDENTE  
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE  
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO  
Sílvio Ap. Zanon Bellotto

## Um grande evento para os nossos cooperados

Estamos às vésperas de realizar o evento mais importante de difusão de tecnologia para o Vale Paranapanema. A Coopershow, neste ano, está com uma estrutura muito maior em relação ao ano passado, com mais parceiros, mais informações e mais novidades sobre o que está no mercado agrícola disponível ao produtor. Teremos ainda como novidade a ampliação da quantidade de dias em que ela será realizada. Marque na agenda: dias 28, 29 e 30 de janeiro.

Para nós, é uma satisfação podermos realizar este evento reunindo diferentes setores do agronegócio em um mesmo espaço, a exemplo do que presenciamos nas maiores regiões agrícolas do país. São ações de cultivo e manejo já testadas no campo experimental, prontas para serem adotadas pelos agricultores.

Neste ano teremos exposições de grandes máquinas e implementos, diferentes tecnologias para serem aplicadas no campo na busca por auxiliar o desenvolvimento das culturas e a ampliação da produtividade regional, além de uma série de prestações de serviços de interesse do agricultor, veículos e curiosidades. A preocupação de nossa equipe que trabalha na organização da Coopershow é que este evento se mantenha como a mais importante vitrine de tecnologia agrícola para a região.

As pesquisas realizadas no setor também têm destaque especial na Coopershow, com a participação de integrantes de órgãos de representação nacional, como a Embrapa, bem como estaduais, como o IAC e outros. A nossa proposta é disponibilizar o máximo de informações aos agricultores para que eles tenham subsídios suficientes para o incremento às suas lavouras e empreendimentos agrícolas.

Participe!

**Edson Valmir Fadel**  
Presidente da Coopermota

05

Da parreira para a ceia:  
Cachos de uva selecionados  
diretamente na videira

08

Pessegueiros no Vale: incremento  
na ceia e na rentabilidade  
da propriedade

12

Balço hídrico do solo: Gotas  
subterrâneas pioneiras para  
o setor de grãos

14

"Coopermota - Cooperativa  
Agroindustrial": Nova denominação  
aprovada em assembleia

16

Milho Tiguera: Presente em grande  
parte das plantações de soja

20

Coopershow: Uma super feira,  
com melhor estrutura  
e mais parceiros

24

Mecanização da colheita de cana:  
Restrições de implantação  
e mudanças de perfil agrícola

26

Armazenagem: Trunfo para ter  
o controle da produção e esperar  
as altas de mercado

29

Avaliação campeã: Ganho de peso  
e volume de carcaça campeões

30

Projeto Soja Brasil na Coopermota:  
Primeira referência no estado

32

Educação e solidariedade: Gesto  
inesperado em atividade escolar

35

2 por 4: Música, palhaçada  
e cooperativismo dentro da escola

37

Espetáculo: O palhaço, a bailarina  
e o caracol

# Da parreira para a ceia

## Cachos de uva selecionados diretamente na videira

**As videiras podem ser avistadas à distância, em meio às plantações de soja da safra verão já em desenvolvimento vegetativo**

Os carros chegam a toda hora durante o dia, até que o último raio de sol da tarde esteja encoberto. Em cada viagem levam 5, 15, 30 quilos dos cachos que encantam tanto pela beleza estética quanto pelo sabor adocicado. A procura pelas parreiras nesta época do ano é bastante grande na Estância São Lucas, na Água do Pavão, em Assis, a cerca de quatro quilômetros da cidade. Neste ambiente, os consumidores da região, ou ainda de São Paulo e outros municípios mais distantes que nestas épocas estão na cidade em viagens de férias e de comemorações natalinas, se transformam em turistas ao visitar pela primeira vez um parreiral. “O sol é o guia pra gente fechar a porteira por aqui. No pico de produção temos uns 50 carros por dia na Estância”, afirma o produtor Roberto Jordão.

O quilo da uva é comercializado com menor custo na propriedade do fruticultor, pois são dispensadas as despesas com a logística de transporte da uva até a fonte consumidora. Desde o final do mês de novembro o parreiral é aberto à comunidade para a colheita da fruta conforme a preferência do cliente. O cheiro da uva já pode ser sentido ainda dentro do carro, no momento da chegada ao local.

Por volta das 16h, um veículo escuro repleto de familiares estaciona na estrada que dá acesso à Estância. Momentos depois, o menino de 5 anos fica no colo do pai para alcançar a videira. O sorriso da criança encanta tanto quanto a beleza das parreiras. É a primeira vez que ele vê as uvas ainda a serem colhidas. A ceia deste ano terá a garantia de frutos frescos e doces e ainda colhidos em família, em um momento de felicidade.

Filho de cafeicultor do auge de produção na região do Vale Paranapanema, o viticultor Roberto Jordão conheceu diferentes tipos de lavouras antes de investir na fruticultura, com a uva. Ajudou o pai, Lucas Nogueira da Silva, no manejo do café ainda na década de 1980, depois fez outras tentativas de plantio, mas foi o cultivo da uva que adotou para ser o seu incremento financeiro familiar. Ele aderiu à cultura por influência do compadre de seu pai, que possuía algumas videiras na região de Marialva, estado do Paraná. Foram trazidas de lá as primeiras mudas para o início da cultura na Água do Pavão. Desde então, além da lavoura de soja, Jordão cultiva as uvas Niágara Rosada sobre portas-enxerto 766, em cerca de um hectare, bem



próximo a sua casa. São aproximadamente mil plantas de uva que cobrem toda a área. O cultivo, no entanto, foi iniciado com uvas Rubis, opção de variedade que não persistiu devido às dificuldades que encontrou com a cultivar.

Jordão comenta que a opção pela venda diretamente na parreira foi uma alternativa encontrada para driblar as dificuldades e gastos para a comercialização. Para a produção chegar ao seu pico exatamente no período natalino, Jordão realiza a poda das videiras em julho, aplica a cianamida hidrogenada para quebrar a dormência de brotação da uva, objetivando assim, a redução dos riscos de má brotação e produção em período adequado para o mercado local. Porém, ele destaca que ainda atua com erros e acertos de manejo. “No ano passado foi ruim a produção. A irrigação não supriu o déficit hídrico do solo para o desenvolvimento das uvas, o que reduziu bastante a produtividade das vinhas”, comenta.

O pesquisador da Apta, Sérgio Doná, comenta que a Niágara Rosada é bastante sensível a algumas doenças de solo e a utilização de portas-enxerto permite uma boa produção no Médio Paranapanema. O porta-enxerto 766, adotado por Roberto, é tolerante às doenças que existem no solo regional e permite que haja uma produtividade satisfatória da Niágara, com bom vigor à copa e bom desenvolvimento de frutos.

Contudo, Jordão comenta que esta cultura exige

um acompanhamento bastante direto, principalmente na fase de brotação, período de incidência da Antracnose. “A gente opta por fazer as aplicações preventivas. Até cerca de 40 dias após o início da brotação, chegamos a fazer duas aplicações por dia, principalmente quando o período está mais chuvoso”, explica.

### } O PARREIRAL

O trajeto até a Estância São Lucas parte de Assis saindo pelo Jardim Amaury, sentido Água do Matão. Após passar por trás dos condomínios residenciais recentemente construídos, depara-se com uma bifurcação, onde segue-se à direita. As videiras podem ser avistadas à distância, em meio às plantações de soja da safra verão já em desenvolvimento vegetativo. No local, um banquinho artesanal e uma mesa de madeira onde fica a balança de pesagem estão dispostos abaixo da primeira parreira. Ali, Jordão e seus ajudantes ficam bem próximo à estrada de terra, protegidos com lona para driblar a insistência do sol em alcançar os trabalhadores, mesmo tendo as videiras com folhagens vistosas. A proteção serve também para evitar o desconforto causado por possíveis pancadas de chuva que possam pegá-los



Roberto Jordão, viticultor da Estância São Judas



de surpresa. A comercialização é familiar.

No carrinho de mão, oito caixas já estão cuidadosamente arrumadas para serem recheadas com a uva que será comercializada na feira no dia seguinte. Toda semana a encomenda é certa. A colheita foi realizada com antecedência para ser buscada pelo comerciante logo em seguida.

Para Jordão, o parreiral é garantia de produção e ainda de ceia farta, certamente. ■

# PESSEGUEIROS NO VALE

## INCREMENTO NAS CEIAS E NA RENTABILIDADE DA PROPRIEDADE

Pelo menos três variedades se adaptam bem na região, sendo viável para o Médio Paranapanema

**G**raúdos ou pequenos, avermelhados ou verdes. Os pêssegos são atrativos certos para muitas mesas de ceias de Natal. O formato lembra os ornamentos das árvores natalinas e traz beleza às mesas. Nos pomares, os frutos encantam o apreciador de seu sabor e aroma bastante característicos. Contudo, na região do Médio Paranapanema ainda não há a cultura de semeadura desta fruta. Diante disso, uma pesquisa vem sendo desenvolvida pela Apta Polo Médio Paranapanema, para a avaliação de diferentes variedades nas condições de solo e clima regionais. As análises levam em consideração o ciclo, o aproveitamento dos frutos, o aspecto dos pêssegos, que está diretamente associada à aceitação comercial do produto, bem como as interferências de pragas e opções de manejo existentes.

O pesquisador Sérgio Doná, responsável pelos ensaios no campo experimental da Apta em Palmital, comenta que pelo menos três variedades se adaptam bem na região, sendo viável para o Médio Paranapanema. No entanto, ele sugere que o cultivo ocorra em pequenas áreas para a introdução gradativa da cultura do pêssego e destaca a importância da organização dos produtores em associações para facilitar a comercialização do produto. Ele também pondera que a indicação é que inicialmente esta cultura seja adotada pelos integrantes da agricultura familiar, sendo este um pequeno negócio agrícola,

para só depois de já haver mais dados regionais esta variedade ser adotada em uma maior expansão territorial sendo vinculada ao agronegócio. “É importante que a produção já tenha destino certo com preço garantido”, diz. A sugestão é que os pomares iniciais estejam distribuídos em áreas de até um hectare, para facilitar a adaptação do agricultor às práticas de manejo que a cultura exige. “O produtor deve ter entre 300 e 500 plantas nesta fase inicial e procurar parcerias com o município, por exemplo, para a utilização das frutas na alimentação local, fazendo também o escalonamento da produção”, explica. Uma situação que já segue essa linha na região pode ser vista em Tarumã onde existe apoio local para a fruticultura, com atuação do Sebrae para a formação da mão de obra destinada às lavouras frutíferas do município.

Na área experimental da Apta, em Palmital, os pessegueiros foram cultivados em outubro de 2010, tendo a instalação de irrigação iniciada em janeiro de 2012. As análises envolveram quatro variedades de pêssego, as quais foram quantificadas e seguiram os critérios de uma pesquisa científica, tendo ainda outras 14 espécies plantadas nas bordaduras como proteção às variedades estudadas, que também tiveram o seu desenvolvimento observado informalmente. Em toda a extensão da área desta cultura em análise, o solo é coberto com folhas de bananeiras e



também de outras plantas, para evitar a transpiração da água que está no solo, bem como para diminuir a infestação de ervas-daninhas que possam se desenvolver no local.

Na parte da irrigação, três tensiômetros mostram a quantidade de água disponível às plantas no solo e a necessidade de acionamento do sistema para o balanço hídrico da área. Desta forma, a água é fornecida somente quando realmente é necessário. Tal estudo vem sendo desenvolvido por meio do Programa de Uso Racional da Água, iniciado em 2005, vinculado ao Comitê de Bacias Hidrográficas do Médio Paranapanema. As ações estão pautadas pelo monitoramento de águas de irrigação na Bacia Hidrográfica do Médio Paranapanema, o qual vem sendo concluído com o estudo da irrigação na fruticultura.

### } VARIEDADES ANALISADAS

Em São Paulo, a cultura do pêssego é mais comum nos municípios de Jundiá e Paranapanema, onde a produção já é realizada em larga escala, tendo como principal impulsionador a cooperativa de Holambra II. “Nas regiões destes municípios o cultivo desta fruta já está avançado a ponto de ser referência para novas iniciativas”, comenta o pesquisador Sérgio Doná.

Já para a produção no Médio Paranapanema as três variedades consideradas viáveis pela pesquisa em andamento são o Regis, o Big Aurora e o Douradão. O Talismã, entretanto, que também

está sendo analisado, tem um ciclo mais tardio e a frutificação ocorre no pico de infestação da mosca branca. Essa realidade faz com que a produção desta variedade sofra mais restrições em relação à qualidade da fruta destinada à comercialização. Por se tratar de uma pesquisa conduzida em uma pequena área de cultivo, com diferentes variedades de ciclos diversos, o controle da mosca se torna mais difícil. “Em propriedades agrícolas, com maior extensão e com apenas algumas cultivares diferentes, essa situação seria controlada com melhor planejamento e manejo”, explica.

Conforme avaliação dos cultivares, o pêssego Regis produz uma média de 650 frutos por planta, tendo um ciclo precoce, da floração à colheita, que ocorre em outubro. No campo experimental de Palmital, foram colhidos aproximadamente 30 quilos de pêssego por planta, o que representa um aproveitamento excelente, de acordo com a avaliação de Doná. Esta variedade possui polpa amarela, consistente e firme, podendo ser usada tanto para o consumo in natura quanto para a industrialização. “Por ser um pêssego precoce, a sua produção ocorre no período em que a mosca da fruta ainda está iniciando a sua atividade na região. Quando a mosca começa a atuar nesta área o pêssego já está em fase de colheita, o que não exige muita aplicação de inseticidas. Dessa forma, conseguimos obter frutos saborosos e com baixo índice de resíduos tóxicos”, avalia.

Doná destaca que, comercialmente, o pêssego Regis é bastante produtivo, tem aspecto interes-



Pesquisador Sérgio Doná no campo da Apta, em Palmital

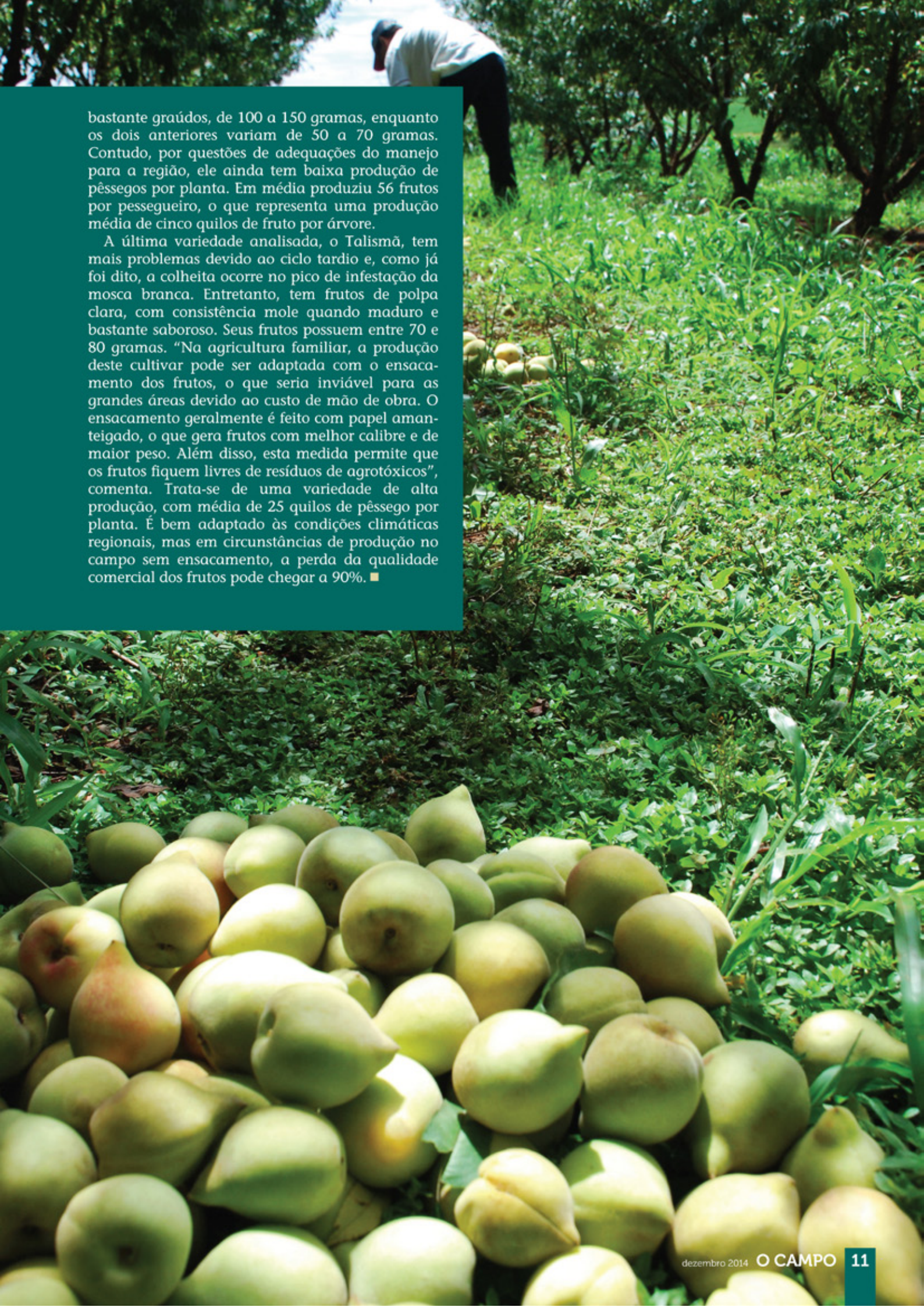


sante no ponto de vista comercial e sua maturação é obtida antes da produção da região Sul do país, o que ajuda na venda dos frutos. Por haver poucas aplicações de defensivos, é um fruto que tem pouca carga de resíduos de agrotóxicos.

Já o Big Aurora é uma variedade que na região produz uma média de 380 frutos por planta, equivalente a aproximadamente 20 quilos por pessegueiro. “É um pêssego adaptado para a região, com frutos firmes e um pouco maior em relação ao Regis, cerca de 10%. Isso porque o seu ciclo é um pouco mais longo. Enquanto o Regis produz no início de outubro, a colheita do Big Aurora é em torno do dia 20 deste mesmo mês”, explica.

Esta variedade, conforme dados da pesquisa da Apta, tem baixa exigência em relação ao frio, o que o favorece na região, que não possui um inverno tão rigoroso. Na região Sul do país são registradas cerca de 300 horas de frio e no Vale Paranapanema, as temperaturas baixas são verificadas em apenas 50 horas aproximadamente. Mesmo assim, o Big Aurora consegue florescer e produzir satisfatoriamente nesta região.

O cultivar Douradão, por sua vez, também é uma variedade com qualidades para a região, porém ainda carece de acertos no seu manejo. Doná destaca que esta variedade gera frutos



bastante graúdos, de 100 a 150 gramas, enquanto os dois anteriores variam de 50 a 70 gramas. Contudo, por questões de adequações do manejo para a região, ele ainda tem baixa produção de pêsegos por planta. Em média produziu 56 frutos por pessegueiro, o que representa uma produção média de cinco quilos de fruto por árvore.

A última variedade analisada, o Talismã, tem mais problemas devido ao ciclo tardio e, como já foi dito, a colheita ocorre no pico de infestação da mosca branca. Entretanto, tem frutos de polpa clara, com consistência mole quando maduro e bastante saboroso. Seus frutos possuem entre 70 e 80 gramas. “Na agricultura familiar, a produção deste cultivar pode ser adaptada com o ensacamento dos frutos, o que seria inviável para as grandes áreas devido ao custo de mão de obra. O ensacamento geralmente é feito com papel amanteigado, o que gera frutos com melhor calibre e de maior peso. Além disso, esta medida permite que os frutos fiquem livres de resíduos de agrotóxicos”, comenta. Trata-se de uma variedade de alta produção, com média de 25 quilos de pêsego por planta. É bem adaptado às condições climáticas regionais, mas em circunstâncias de produção no campo sem ensacamento, a perda da qualidade comercial dos frutos pode chegar a 90%. ■



# BALANÇO HÍDRICO DO SOLO

## GOTAS SUBTERRÂNEAS PIONEIRAS PARA O SETOR DE GRÃOS

Irrigação que pode ser utilizada em qualquer tipo de terreno e declividade, ou mesmo possíveis obstáculos como postes, torres, matas ou árvores, alcançando a área total de cultivo

**A**s mangueiras estão enterradas a uma profundidade de 30 centímetros e espaçadas a um distanciamento de 80 centímetros entre uma linha e outra. A cada 50 centímetros, estão instalados os gotejadores, com vazão e pressão orientadas pelos tensiômetros instalados em localizações estratégicas para o acompanhamento da umidade do solo. O sistema começou a ser instalado na primeira quinzena de outubro no Campo de Difusão de Tecnologia Coopermota e será utilizado para a irrigação de uma área de soja de aproximadamente meio hectare. Trata-se de uma iniciativa pioneira para o setor de grãos, sendo já comumente adotado em culturas de citrus e de café. Em Garça, sistema semelhante já é bastante utilizado. Os primeiros resultados desta iniciativa poderão ser acompanhados durante a demonstração técnica da Coopershow, no final de janeiro de 2015.

A iniciativa foi viabilizada por meio da parceria estabelecida entre a Coopermota e a Irriga Bauru – Sistema de Irrigação Ltda. A empresa é concessionária da Netafim, detentora desta tecnologia. Com este tipo de irrigação, permite-se uma maior economia de

água, já que toda a liberação hídrica do gotejamento é controlada, o que reduz desperdícios deste recurso natural. Além disso, o sistema permite a liberação de fertilizantes e outros estimulantes para a planta de forma bastante direcionada, sem que as folhas da soja sejam molhadas, o que também reduz a proliferação de doenças fúngicas.

Neste sistema não existem os vazios de abrangência da irrigação, como ocorre nos sistemas de pivô central, em que pelo menos 21% da área não é atingida pela irrigação devido a sua expansão circular. O diretor comercial da Irriga Bauru, Renato Bilac, explica que este sistema é bastante eficiente, pois a pressurização do gotejador permite que a água se espalhe gradativamente até que toda a área esteja molhada.

Um dos membros da Comissão Organizadora da Coopershow e coordenador do departamento de máquinas da Coopermota, Ebraim Malaquias Júnior, explica que já conhecia o sistema de gotejamento existente na região de Garça, assim como também já possuía contatos com a empresa e por isso intermediou a parceria para trazê-la à

cooperativa. “Consideramos ser importante instalar este sistema no Campo de Difusão da Coopermota, que terá os seus resultados mostrados ao agricultor na Coopershow. Esta irrigação é um importante meio de melhorar a produtividade no campo e ampliar a rentabilidade da cultura”, avalia.

De acordo com o diretor técnico da Irriga, Laércio Travain, não há restrições para a adoção deste sistema. Na Coopermota foi utilizado o gotejamento do tipo DripNet PC AS. Conforme dados da empresa, o sistema de diferencial de pressão deste equipamento mantém a vazão da água de maneira uniforme, por meio da utilização de um silicone fixado no gotejador, que age como um diafragma visando manter a vazão linear da água mesmo estando sob diferentes pressões, o que garante a distribuição hídrica e de nutrientes de forma satisfatória à planta. Esta pressão é controlada por um gel distribuído em forma de labirinto por onde percorre a água.

A vantagem das mangueiras estarem enterradas, além de permitir o controle da irrigação de forma pontual, também reduz possíveis danos com a circulação de maquinários no local em que o sistema está instalado. Além disso, o fato da camada superficial da terra se manter seca favorece o controle das ervas daninhas que por ventura venham a se desenvolver no local.

Travain explica que a manutenção da iniciativa é simples, exigindo apenas a aplicação de um inibidor de raiz a cada dois anos para evitar que elas entupam os bulbos do gotejador devido a um possível crescimento exacerbado que atinja o sistema de irrigação. Além disso acrescenta que é necessário utilizar água clorada para garantir a qualidade deste recurso natural e manter os registros sempre limpos. Para viabilizar o sistema, na Coopermota foi instalada uma caixa de 10 mil litros de água para a irrigação propriamente dita e outra de 500 litros destinada aos preparos e à aplicação da fertirrigação, ambas impulsionadas por uma bomba de 1,5cv.

O diretor técnico garante que o sistema de gotejamento subterrâneo carece de um pouco de mais de investimento em relação aos outros tipos de irrigação, porém as vantagens que o produtor obtém com a redução de energia e do consumo de diesel, bem como a menor quantidade de água compensam o gasto inicial em pouco tempo. Outra vantagem está relacionada ao fato de que esta irrigação pode ser utilizada em qualquer tipo de terreno, declividade, ou mesmo possíveis obstáculos como postes, torres, matas ou árvores.

Trata-se de uma adoção pioneira no estado, tendo experiências já exitosas no gênero junto a culturas de citrus e café. Em Garça, o gotejamento é bastante utilizado, porém não é subterrâneo. Porém, a parceria da Coopermota viabilizará esta iniciativa também na cultura da soja. Na última safra de milho, em Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul, por exemplo, foi obtida a produtividade de 770 sacos por alqueire, em uma área de irrigação de gotejamento subterrâneo. ■



Preparo do sulco onde foi enterrada a irrigação



# “COOPERMOTA - COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL”

## DENOMINAÇÃO APROVADA EM ASSEMBLEIA

Trata-se de uma mudança aprovada pelos cooperados em assembleia extraordinária, realizada na manhã do dia 22 de dezembro

Onde está escrito nos documentos a denominação de Cooperativa dos Cafeicultores da Média Sorocabana passará a constar a inscrição Coopermota - Cooperativa Agroindustrial. Isso porque foi aprovada em assembleia extraordinária, realizada na manhã do dia 22 de dezembro, no auditório da cooperativa, a mudança na denominação da organização, que será aplicada em qualquer operação que venha a ser realizada envolvendo o nome da Coopermota. A alteração, porém, está em fase de registro junto à Junta Comercial, com estimativa de conclusão do processo em fevereiro, de acordo com o departamento jurídico da Coopermota. Trata-se de uma atualização do campo de atuação da cooperativa, dando ênfase para o trabalho de envolvimento com o agronegócio e a produção local. Embora a Coopermota tenha deixado de ter o café como principal cultura há vários anos, sua denominação oficial ainda fazia referência a essa antiga aptidão comercial.

A cooperativa alterou, há cerca de dois anos, a definição dos valores, da missão e da visão da Coopermota frente aos seus planos de trabalho.

Com isso, passou a ter como princípio a missão de “fortalecer o agronegócio e gerar resultados sustentáveis com responsabilidade e segurança, sendo referência em soluções deste setor”. A denominação da Coopermota aprovada pelos cooperados, acompanha os valores atualmente defendidos pela cooperativa de “respeito e compromisso com os princípios cooperativistas e com a legislação, compromisso com a ética e o resultado, garantia de confiança, idoneidade e segurança em seus produtos e serviços, responsabilidade socioambiental e de prática da governança corporativa”.

Outros nove itens foram aprovados pelos cooperados na assembleia, todos voltados a mudanças estatutárias, as quais foram ratificadas e aprovadas por unanimidade. Entre os artigos alterados estiveram atualizações de moeda corrente e tipos de atividades comerciais desempenhas pela cooperativa. As mudanças preveem diferentes setores que venham a ser incluídos em futuros planos de expansão da cooperativa. “Trata-se de uma mudança de legislação, pois a Junta Comercial não permite mais que utilizemos a expressão assuntos diversos e por isso a proposta de trazer todas estas áreas para serem



incluídas neste artigo”, explica o gestor de Controladoria e contador da Coopermota, Eduardo Luchini.

Entre os demais itens que fizeram parte das discussões e foram aprovados estiveram as definições sobre a destinação das “sobras” e a permissão para aquisições de imóveis dentro de um limite de custo. Na ocasião, o presidente Edson Valmir Fadel, enfatizou que as alterações têm o objetivo oferecer um pouco mais de segurança para o agricultor por meio de ações que visam a atualização das atividades e tipos de negócios desenvolvido pela Coopermota e a modernização dos instrumentos de gestão e relacionamento com o cooperado.



Assembleia no auditório da Coopermota



# MILHO TIGUERA

## PRESENTE EM GRANDE PARTE DAS PLANTAÇÕES DE SOJA

Tem sido recorrente a existência de até 10 plantas de milho por metro quadrado nas culturas de soja na região e em várias partes do país

O produtor já tem anotado na planilha de acompanhamento de sua lavoura, ou ainda, bem delimitado em sua memória, a sequência de atuação que terá durante uma safra que é iniciada. Um bom tratamento de sementes, aliado às práticas de cuidados com o solo e a manutenção das máquinas em situação adequada de uso são algumas das medidas normalmente adotadas por ele ainda no início da cultura que será implantada. Porém, não há nenhuma iniciativa que seja conclusiva entre os tratamentos culturais de sua produção. O manejo e o acompanhamento de tudo o que ocorre devem ser constantes na lavoura para que a definição do momento de intervenção do agricultor em relação às pragas e doenças seja eficiente, de forma a evitar prejuízos econômicos e as quedas de produtividade. No caso do milho tiguera, por exemplo, a espera por um maior desenvolvimento de ervas daninhas na busca por uma única aplicação de herbicidas na cultura pode resultar em situações de difícil controle desta erva daninha na safra de soja.

A competição de desenvolvimento entre o milho tiguera e a soja é bastante prejudicial à cultura como um todo. No Vale Paranapanema, esta praga tem se mostrado cada vez mais abrangente, estando presente na maioria das lavouras. Nesta safra, em muitos casos, chegou a ser possível até se confundir sobre qual a cultura semeada no local. A incidência do milho considerado como erva daninha na soja

tem sido comum nas áreas em que a cultura anterior foi de milho BT, resistente ao glifosato, e tem crescido gradativamente a cada safra. Nesses casos, a dessecação prévia à semeadura precisa ser realizada com produtos à base de glifosato, acrescidos de graminicidas. Isso porque o milho tiguera não é atingido pelo glifosato devido à sua resistência ao produto. Entre os graminicidas estão os de pré e de pós-emergência à base de clomazone, sulfentrazone, diclosulam e flumetsulam, cletodim, sethoxydim, diclofop-methyl, fluzafop-p-butyl.

Pesquisa desenvolvida por J.C. Durigan e publicada em revista científica da Cielo, ainda em 1983, já demonstrava o efeito da matocompetição na soja. O estudo comprovou que a interferência das ervas daninhas no desenvolvimento desta cultura altera, inclusive, as características morfológicas do cultivar, como por exemplo a altura, o número de ramos e de vagens produzidas.

O manejo no período de entressafra se torna eficiente pois permite a utilização de roçadeiras e equipamentos de grande porte para esta iniciativa. Já com as plantas de soja em desenvolvimento, o ideal é que o controle do milho tiguera ou qualquer outra erva daninha ocorra antes da fase de formação de sementes dessas pragas.

O engenheiro agrônomo da Coopermota, José Roberto Gonçalves Massud salienta para a importân-



cia de não haver a matocompetição na soja. Ele cita pesquisas que apontam reduções em torno de 30% na produtividade da lavoura. “Não adianta fazer tudo certo se não se atentar para o controle do milho na soja. Infelizmente o produtor ainda não enxerga o milho como uma erva daninha”, comenta. Ele destaca que quanto mais cedo o milho tiguera for contido, melhor serão os resultados na cultura. “A quantidade de milho tiguera tem aumentado muito nas lavouras na nossa região, o que é um absurdo”, diz. Massud acrescenta que alguns produtores têm optado por passar implementos que removem a terra para conter o desenvolvimento dessa erva daninha, mas com isso, as sementes são enterradas e o problema não é extinguido de forma satisfatória.

O agrônomo cita que nos casos em que o controle da erva daninha é deixado para ser realizado com ela já adulta, o produtor corre o risco de retorno da incidência dessas plantas pois ela já espalhou sementes pelo solo. Além disso, as ervas daninhas já estão mais resistentes aos produtos destinados à sua eliminação. Diante disso, considera a adoção de doses sequenciais na cultura como a melhor opção. “Se você deixa para fazer apenas uma aplicação, quando o tiguera já está mais velho, terá que passar uma quantidade muito maior de produto para o seu controle. Enquanto que se fizer aplicações sequenciais, usa menos produto por vez, por se tratar de uma planta ainda nova, totalizando praticamente a mesma quantidade de herbicida”, compara. Diante disso destaca não se justificar o retardamento das aplicações de defensivos na cultura.

Da mesma forma, o agrônomo da Fundação ABC, mestre em Manejo de Grandes Culturas, Luis Henrique Penckowski, explica, em publicação difundida em todo o Brasil, que as plantas voluntárias competem com a soja, a disponibilidade de sol, água e nutrientes, além de serem condutoras de insetos, outras pragas e doenças. “Onde há uma planta de milho por metro quadrado de soja a perda é de quase 30%. Se forem duas a redução de produtividade chega a 44% e três pode ser de mais de 65% de perdas”, cita em publicação do setor.

### } PESQUISA DA FUNDAÇÃO ABC

A falta de chuvas neste início de safra tem sido apontada por técnicos do setor como um dos fatores que dificultou o controle do milho tiguera devido aos atrasos de intervenções dos agricultores no campo, tendo em vista que a dessecação antecipada teria sido dificultada neste caso. Com isso, tem sido recorrente a existência de até 10 plantas de milho por metro quadrado nas culturas de soja, o que reduz consideravelmente a produção da oleaginosa.

Pesquisa divulgada pela Fundação ABC traz quatro situações diferentes de produção de soja frente a incidência do milho RR. Em uma realidade de efetivo controle desta erva daninha, a produtividade alcançada seria de 4.739 quilos por hectare, por exemplo. Já nos casos em que há apenas uma planta de milho por metro quadrado de soja, essa



mesma cultivar tem a produtividade reduzida para 3.228 quilos por hectare. Com duas plantas de milho nesta mesma metragem, a produtividade fica em 2.629 quilos por hectare e com quatro plantas por metro quadrado a produção não passa de 1.689 quilos por hectare. A quebra avaliada, neste caso, foi de 64,4% sobre o potencial de produtividade da soja cultivada. ■



# FertyBio

Fertilizantes

*Vem agradecer a parceria  
feita com a Coopermota  
através do projeto.*

Distribuição  
**agreg+**  
Agregando valor a sua empresa

*Nossas novas tecnologias nos  
permitem produzir produtos  
inovadores, com resultados  
comprovadamente melhores.*

SuperFull, melhorando a  
qualidade da aplicação

**Novas tecnologias**  
**Produtos inovadores**





# COOPET

A feira cresce a cada ano e já conquista o espaço de

**E**m uma área de 14,5 hectares já estão divididas as parcelas de demonstração de diferentes sementes, fertilizantes e defensivos, entre outros produtos destinados ao cultivo agrícola, para a demonstração ao produtor e visitante em geral. Toda a extensão da área é sinalizada com a identificação da empresa responsável pelo trato cultural realizada em cada porção de exposição. Do outro lado, máquinas imponentes e de última geração são apresentadas aos visitantes. Em diferentes partes estão os implementos altamente tecnificados, bem como diferentes inovações de aplicações e de sementes destinadas ao campo, aliadas ainda às informações mais precisas sobre nutrição animal, pesquisas agrícolas e prestações de serviços variadas. Este será o cenário da IX Coopershow que será realizada pela Coopermota nos dias 28, 29 e 30 de janeiro de 2015. Nesta edição da feira tecnológica a Comissão Organizadora investiu em melhores estruturas para o maior conforto dos visitantes, bem como melhores condições para o acesso aos dados que serão apresentados no evento.

Cerca de 100 parceiros farão parte da iniciativa, envolvendo empresas do setor comercial de pequenas máquinas e serviços, da área animal, do agronegócio e da agricultura familiar, bem como importantes instituições de pesquisa como a Embrapa e o IAC, entre outros. Toda a estrutura da feira foi preparada com base na divisão de cinco frentes de trabalho, compreendidas pelo setor de comunicação, que desta vez terá uma maior abrangência, de estrutura, com diferentes modificações no seu formato em relação às edições anteriores, de animais, de empresas agrícolas, e por fim o setor comercial, com máquinas, implementos e veículos.

A Coopershow é o principal evento da Coopermota, destinado à divulgação do trabalho de pesquisa realizado no campo. Todos os dados coletados são repassados aos agricultores, oferecendo-lhes oportunidades para que possam diversificar suas atuações, com atividades rentáveis. O Campo de Difusão, onde a feira é realizada, reproduz as características semelhantes às propriedades rurais da região, o que permite que a tecnologia oferecida seja adap-



# RSHOW

**UMA SUPER FEIRA,  
COM MELHOR ESTRUTURA  
E MAIS PARCEIROS**

maior evento do agronegócio do Médio Paranapanema

**“O Campo de Difusão,  
onde a feira é realizada,  
reproduz as características  
semelhantes às propriedades  
rurais da região”**

tada para a realidade do Médio Paranapanema. Além das demonstrações de campo e de máquinas, serão oferecidas palestras informativas aos participantes do evento, as quais serão realizadas ao final das manhãs durante os três dias da feira, com participação de pesquisadores da Embrapa, abordando temas referentes às pragas e doenças das lavouras. Neste mesmo espaço, climatizado e preparado para receber os palestrantes com estrutura adequada, serão realizadas ainda palestras com técnicos de diferentes empresas, que abordarão o tema de cuidados com bicos na aplicação de defensivos, inovações em sistemas de irrigação e de nutrição animal.



Produtores durante a 8ª Coopershow



A Coopershow também é um espaço destinado ao lançamento de novas variedades de sementes e de produtos, bem como de equipamentos, implementos e máquinas destinadas ao setor. No ano passado, por exemplo, a Embrapa realizou o lançamento da BRS 359, de ciclo precoce e ideal para a semeadura antecipada, medida bastante adotada pelos agricultores neste ano. Já na safra 2014/2015 muitos produtores tiveram que se adaptar à realidade de plantio mais tardio em relação aos anos



anteriores. A cultivar possui resistência ao acamamento e a algumas doenças como a podridão de fitóftora, o nematoide de galha meloidogyne, a podridão parda e o cancro da haste.

Além de todas as evoluções já consolidadas para a próxima edição da Coopershow, o visitante ainda terá vantagens e benefícios na aquisição de produtos na loja Coopermota que será instalada no recinto, entre várias outras novidades. ■



# MECANIZAÇÃO DA COLHEITA DE CANA

## RESTRICÇÕES DE IMPLANTAÇÃO E MUDANÇAS DE PERFIL AGRÍCOLA

As áreas com declives superiores a 12% provavelmente retomarão as culturas anteriormente cultivadas nestas regiões

Parte dos campos agrícolas que atualmente estão cultivados com cana-de-açúcar devem ter o perfil alterado a partir de 2017. Isso porque após essa data, toda a colheita de cana do estado de São Paulo deve estar mecanizada, conforme determinação legal implantada ao setor. Entretanto, uma grande quantidade de propriedades não oferece condições para a manutenção da cana sem o corte manual, pois o solo não é plano o suficiente para a entrada das máquinas de colheita. Nas regiões com declives superiores a 12%, a cana deverá ser substituída por outras culturas.

Tais consequências foram analisadas em documento preparado pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica da Embrapa (Gite), em parceria com o Departamento do Agronegócio (Deagro) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em um trabalho intitulado "Impacto da mecanização da colheita da cana-de-açúcar nas áreas declivosas do Estado de São Paulo". A pesquisa foi baseada no cruzamento de imagens de satélites sobre o relevo paulista e em mapas digitais de lavouras do estado.

Conforme os dados apresentados, pelo menos 150

mil alqueires de cana-de-açúcar não oferecerão condições de atuação das máquinas e deverão passar por este processo de alteração de cultura. Ainda segundo a pesquisa, dos 645 municípios paulistas, 482 perderão áreas de plantio de cana-de-açúcar. Entre os municípios que serão afetados, 110 possuem mais de 413 alqueires paulistas de cana cultivados em declives. Em Piracicaba, por exemplo, a cana está cultivada em pelo menos 3,5 mil alqueires de cana em regiões de morro, o que equivale a mais de 17% da cana cultivada no município. Já as cidades de São Manuel, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro e São Pedro terão mais de 30% do total de cultivo da cana afetados por esta medida.

O pesquisador coordenador do trabalho, Evaristo de Miranda, avalia que tais constatações afetarão consideravelmente a economia agrícola dos municípios com lavouras em regiões de maior declive. "As áreas deixadas pelos canaviais em morros acentuados deverão ser ocupadas por culturas diferentes, respeitando-se a vocação agropecuária de cada região. O importante é perceber que a agricultura paulista tenderá à diversificação", avalia.





Na região do Médio Paranapanema, no entanto, as alterações não devem ser tão expressivas, pois a maioria dos municípios tem relevo mais plano. De acordo com o Levantamento de Dados Agrícolas por Município, realizado em novembro deste ano pela Cati como subsídio para o Instituto de Economia Agrícola do Estado (IEA), a região possui um total de 113,7 mil alqueires paulistas cultivados com cana, distribuídos nos 16 municípios pertencentes a área de abrangência da Coordenadora de Assistência Técnica Integral (Cati), regional de Assis. Os municípios com maior área plantada com cana na região são Paraguaçu Paulista, com 20,49 mil alqueires, Quatá, com 11,9 alqueires, Cândido Mota, com 9,09 mil alqueires, e Palmital, com 8,67 mil alqueires.

Na avaliação do engenheiro agrônomo da Cati, Luiz Antônio Pavão, não deve haver alteração no que se refere a possíveis dificuldades de mecanização em municípios como Pedrinhas Paulista, Cândido Mota e Palmital, por exemplo. Podem ocorrer mudanças, no entanto, em Lutécia, Paraguaçu Paulista e Quatá, onde o relevo tem mais declives e o solo também dificulta a manutenção desta cultura. Nestes casos, as propriedades deverão voltar à atividade antes adotada nas áreas que passaram a ser ocupadas com a cana, como a pastagem, por exemplo, ou culturas permanentes como o café e a mandioca, entre outras.



# ARMAZENAGEM

## TRUNFO PARA TER O CONTROLE DA PRODUÇÃO E ESPERAR AS ALTAS DE MERCADO

Na Coopermota, a capacidade total de armazenagem é de 164 mil toneladas de grãos

**A**nalisar as variações do mercado e com base nessas informações tomar a decisão mais acertada em relação ao momento de venda da produção colhida, levando em consideração as altas e baixas do mercado de grãos tem sido um trunfo dos produtores frente às constantes variações do mercado interno e externo. Na Coopermota, por exemplo, o valor da saca de 60 quilos de soja variou de R\$ 53,00 a R\$ 61,50 desde a colheita até o período atual, iniciando o mês de dezembro cotada a R\$ 60,00. A oleaginosa chegou a patamares ainda maiores em outras regiões do país, conforme dados da agência Safras & Mercado, sendo cotada no Rio Grande do Sul e no Paraná a R\$ 66,00, a saca.

Especialistas destacam que a possibilidade de manutenção do armazenamento da produção em silos amplia a margem de controle do produtor frente à espera de melhores preços, tendo em vista a tendência de queda desta commodity em casos de grande oferta do produto no mercado.

Conforme dados de pesquisa divulgada pelo analista de planejamento da Companhia Nacional

de Abastecimento (Conab), Paulo Morceli, em Congresso Brasileiro de Soja, realizado em Cuiabá/SP, o produtor que precisa vender a soja na medida em que realiza a colheita deixa de ganhar, em média, 20% dos valores dos grãos, em relação aos valores cotados no período do plantio.

Diante de tais vantagens, existe uma grande quantidade de silos na região. Na Coopermota, somente em Palmital, a capacidade de recebimento de grãos foi ampliada em 12 mil toneladas, o que garantiu o armazenamento de até 48 mil toneladas de grãos naquela unidade. Já em Cândido Mota, mais quatro silos de quatro mil toneladas foram construídos na área do Silo II, totalizando uma capacidade de estocagem de 49 mil toneladas naquele espaço. Com os investimentos recentes em armazenagem, a Coopermota expandiu a sua capacidade geral de armazenamento para um total de 164 mil toneladas, com unidades de recebimento em Taciba, Iepê, Santa Rosa, Cândido Mota, Palmital, Ibirarema, Campos Novos Paulista e Ipaussu. Além disso, ainda conta com parcerias formalizadas com empresas

que ampliam a sua capacidade estática de armazenamento.

Em todo o país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que 20% de toda a produção brasileira desta safra será mantida estocada para posterior comercialização.

### } CONSERVAÇÃO DOS GRÃOS

A globalização e a ampliação das fronteiras de negócios, aumentou a necessidade de atuação dos produtores no mercado por meio de representações coletivas, como no caso, por meio de cooperativas, para fazer frente ao aumento da concorrência e para a obtenção de tecnologias necessárias ao incremento da atividade, bem como para maior viabilidade logística do empreendimento.

Porém, esta atuação no mercado está diretamente atrelada à qualidade do grão a ser comercializado, não dependendo apenas de uma boa condição climática verificada no campo até a colheita da safra, mas também de condições adequadas de armazenamento. O gestor de armazenagem da Coopermota, Djalma Franco Soares, explica que a termometria, a aeração e, principalmente, o acompanhamento constante de toda a produção armazenada são aspectos cruciais para um bom resultado de estocagem. O armazenamento a longo prazo exige alguns cuidados como o controle da temperatura do grão e de cuidados com pragas. “Quanto mais quente maior o risco de perdas, por isso é necessário o acompanhamento diário nos silos. Nós tomamos conta do que é dos produtores e por isso agimos com extrema rigidez para a garantia da sanidade e da qualidade do produto que comercializamos”, diz. Ele explica que na região do Médio Paranapanema, no entanto, não há muita interferência de insetos no armazenamento da soja.

Outra facilidade obtida por meio do sistema de armazenamento via cooperativa, diz respeito à rede de silos oferecida ao produtor. Franco acrescenta que esta realidade facilita a logística de armazenagem da safra em diferentes regiões do Vale, pois o silo está próximo dos locais de recebimento e também da comercialização do produto. “Armazenar em cooperativas significa uma opção pela segurança em relação à qualidade de sua produção”, afirma.



## } CONSERVAÇÃO DOS GRÃOS

O gestor de comercialização da Coopermota, José Dias, avalia que se o produtor estiver capitalizado ele opta pelo armazenamento da produção à espera de melhores condições de preço, contudo, esta definição entre a estocagem ou o escoamento imediato da produção varia bastante a cada safra, sendo diretamente influenciada por diversos fatores do mercado interno e externo. Além disso, ressalta que a cooperativa opta sempre pela transparência quanto à flutuação do mercado e a situação de compra e venda dos grãos, informações importantes que favorecem o agricultor na comercialização de sua produção. ■



**Nufarm**  
 **Klorpan® 480 EC**  
Inseticida

**Nufarm**  
**Dimax® 480 SC**  
Inseticida

# EVITE QUE PEQUENAS PRAGAS VIREM GRANDES SURPRESAS.

O programa de tratamento Klorpan® e Dimax® da Nufarm oferece o melhor choque e residual para o controle de pragas. Acerte no alvo e mantenha as lagartas longe da sua lavoura.

### ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

PRODUTO PARA USO AGRÍCOLA. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.



**SAC Nufarm**  
0800 725 4011

SOLUÇÃO  
ÁGIL AO  
CLIENTE

[nufarm.com.br](http://nufarm.com.br)



**Nufarm**

Grow a better tomorrow.



# AValiação Campeã

## GANHO DE PESO E VOLUME DE CARÇAÇA CAMPEÕES

A competição da Aspaco consiste em estabelecer uma análise sobre a genética de diferentes raças frente ao desenvolvimento proporcionado pela ração oferecida aos cordeiros

Confinados por um pouco mais de dois meses e alimentados com a ração Dieta Total, da Coopermota, mais de 70 cordeiros passaram por uma série de avaliações quanto ao seu ganho de peso no período de confinamento e a qualidade da carcaça então destinada ao consumo. Tais circunstâncias fizeram parte das atividades do XIII Campeonato Cordeiro Paulista – 2014, realizado entre os meses de setembro e novembro, em Araçatuba, com participação direta da Coopermota. A competição consiste em estabelecer uma análise sobre a genética de diferentes raças frente ao desenvolvimento proporcionado pela ração oferecida aos cordeiros. Nesta competição, realizada entre 24 criadores, o plantel da região do Médio Paranapanema, de Platina, sagrou-se campeão no resultado final das duas etapas de avaliação. Os cordeiros da raça Suffolk x Lacaune, pertencentes ao criador Bruno Garcia Moreira, obtiveram nota 91,0 no quesito ganho de peso médio diário e 91,8 na avaliação da carcaça.

A alimentação realizada no sistema de confinamento com a ração Dieta Total da Coopermota resultou no ganho médio de peso diário de quase meio quilo, no período de 49 dias, entre os animais do ganhador desta fase de avaliação, o criador Arnaldo dos Santos Vieira Filho, de Araçatuba. Neste quesito,

Garcia Moreira, de Platina, ficou na segunda colocação, com aumento de peso diário dos seus cordeiros na média de 416 gramas.

Na avaliação da segunda etapa divulgada pela organização do Campeonato, que confere o rendimento das carcaças dos cordeiros abatidos, o rendimento médio das carcaças foi de 51,37%, em relação ao peso dos animais vivos que iniciaram a competição, que tinham em média 25,1 quilos. As avaliações da carcaça levam em consideração alguns aspectos como rendimento, acabamento e uniformidade da carcaça abatida.

O gestor de suprimentos e varejo da Fábrica de Ração da Coopermota, Diogo Suguíta, destaca que a ração da cooperativa vem sendo avaliada nesta competição por quatro anos consecutivos e os resultados fisiológicos e comerciais têm sido bastante positivos, eliminando possíveis problemas na parte renal. Ele lembra que outras rações vinham apresentando desdobramentos fisiológicos problemáticos, afetando o casco dos animais, permitindo a incidência de parasitas, entre outros. “A utilização da ração Dieta Total da Coopermota contribuiu para eliminar este problema dos plantéis de cordeiro. Por outro lado, os animais têm ganhado mais massa e apresentado um melhor aproveitamento da carcaça”, avalia.



# PROJETO SOJA BRASIL NA COOPERMOTA

## PRIMEIRA REFERÊNCIA NO ESTADO

Os produtores do Médio Paranapanema foram retratados em rede nacional de televisão e serviram como vitrine das demais propriedades

**D**e malas na caminhonete, microfone na mão e câmara no ombro ou no tripé, as duas equipes do Projeto Soja Brasil, realizam a expedição pelas principais regiões produtoras de soja do país. O grupo coleta dados com atenção às particularidades deste grão em relação às diferentes condições agrícolas das localidades visitadas. Desde julho, quando foi iniciada a temporada nacional de plantio da soja, os profissionais deste projeto coletam informações em variadas localidades brasileiras, o que deve se estender até março de 2015, quando é prevista a finalização da safra atual. Cerca de 40 mil quilômetros devem ser percorridos até a finalização do projeto, em mais de 100 dias de estrada.

Depois de percorrer cidades da região Sul e passar por municípios de Mato Grosso e Minas Gerais, uma das equipes do projeto esteve em Cândido Mota, na Coopermota, para buscar dados sobre o desenvolvimento da oleaginosa no interior de São Paulo. Foi a primeira visita do projeto no estado paulista em sua edição 2014/2015, ocorrida no início deste mês de dezembro. Desta forma, os produtores do Médio Paranapanema foram retratados em rede nacional

de televisão e serviram como vitrine das demais propriedades circunvizinhas no que se refere à soja e os desdobramentos de desenvolvimento deste grão.

Sob a observação atenta da jornalista Roberta Silveira, do Canal Rural, foram entrevistados os produtores Claudio Segateli e Adilson Andreotti, bem como o presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel (Branco) e o engenheiro agrônomo, José Roberto Gonçalves Massud. Os dois produtores trouxeram diferentes realidades encontradas no Médio Paranapanema, com área de soja cultivada ainda em outubro e outra sendo finalizada no início de dezembro.

A região obteve uma média de 30% dos produtores com o cultivo sendo realizado em períodos mais tardios, em relação aos anos anteriores, o que deve trazer alterações no cultivo do milho safrinha. Em alguns casos, como o de Cláudio Segateli, a previsão de 100% de milho para a safra de inverno será alterada e substituída por parte de aveia branca, destinada à comercialização.

Além do plantio tardio, a falta de chuva para aqueles que arriscaram o cultivo da variedade em

solo seco na expectativa de precipitações pluviométricas sobre a semente semeada resultou na necessidade de replantio, o que atingiu aproximadamente 10% dos produtores.

A iniciativa da expedição Soja Brasil é do Canal Rural e da Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja Brasil) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso (Senar-MT). Já a coordenação técnica é da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), tendo ainda a consultoria da agência Safras & Mercado. A proposta é mostrar as iniciativas exitosas e sem sucesso que têm sido realizadas em todo o país. Conforme os levantamentos já realizados pelo projeto, questões como o clima, o controle de preços e de lagartas já começam a preocupar os produtores de uma forma geral.

### } AUXÍLIO À EMERGÊNCIA DA PLANTA E MEDIDAS DE CONTROLE A PRAGAS

A expedição retratou que na propriedade de Cláudio Segateli, o socorro à soja que germinava e sofria com a resistência do solo para a sua emergência foi realizado imediatamente aos primeiros sinais de selagem do solo. O plantio, neste caso, foi realizado nos dias 28 e 29 de novembro. Com a terra bastante limpa e sem palhadas, uma crosta grossa se formou na superfície da lavoura, o que podia levar à redução de população da soja em diferentes partes da propriedade. Segateli havia plantado crotalária na safra de inverno na área visitada pela expedição e por isso não podia contar com o auxílio da palhada do milho para a proteção do solo. Dessa forma, a selagem da terra foi inevitável devido à chuva ocorrida em menos de 24h após a semeadura.

Na área em que o plantio foi realizado com apenas um dia de antecedência, a soja já conseguia romper o solo com maior facilidade. “É comum acontecer isso, principalmente nestes solos misto, com 50% de argila. Mas com esta intervenção ela se desenvolverá normalmente”, comenta Segateli.

Já na propriedade de Andreotti, o desenvolvimento da soja já está mais avançado, tendo o cultivo sido realizado no mês de outubro. Nesta área, a atenção do produtor já se refere ao controle de pragas. Com o pano de batida ele verifica a quantidade de exemplares de lagartas existentes na lavoura a fim de realizar intervenções assim que for considerado necessário. ■



Jornalista Roberta Silveira



CULTURA

# EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE

GESTO INESPERADO  
EM ATIVIDADE ESCOLAR

Iniciativa de criança realizada em premiação de concurso realizado em escolas de distritos de Maracáí

Quase 100 crianças se aglomeraram na quadra da escola municipal Professor Lourenço Carneiro, em Santa Cruz da Boa Vista. O mesmo também pode ser observado na Coronel Azarias Ribeiro, em São José das Laranjeiras. A criança estava ansiosa nos dois eventos realizados sequencialmente ao final do mês de novembro. O motivo desta vez não era a merenda nem eram as atividades pedagógicas, mas sim a premiação do concurso promovido pela Coopermota em parceria com a Du Pont. Os mais de 200 estudantes das duas escolas aguardavam o anúncio daqueles que ganhariam uma bicicleta como premiação das atividades relacionadas ao uso de equipamentos de proteção individual durante a aplicação de defensivos agrícolas.

No entanto, quando todos os alunos já se portavam no palco do pátio para a foto dos ganhadores, um gesto de solidariedade chamaria a atenção de todos. Embora tenha sido um dos ganhadores da bicicleta, Mateus Henrique Bernini Brauner, cochichou ao ouvido da professora que queria fazer a doação da sua bicicleta usada para seu amigo, Israel Moreira Sampaio, que não havia sido contemplado no

concurso. O amigo havia passado por dificuldades recentemente e esta foi a maneira encontrada pelo parceiro para o valorizar. O gesto foi aplaudido por todos e comemorado por Israel Sampaio.

Segundo a direção da escola, a iniciativa não foi anunciada com antecedência e partiu exclusivamente do aluno, que possui cerca de 10 anos. Fotografias e abraços sucederam o comunicado do estudante. Israel agradeceu o amigo com quem compartilha a sala de aula desde quando ainda frequentava o ensino infantil. Na avaliação dos organizadores, o projeto foi satisfatório pois, além de incentivar a conscientização dos alunos sobre a preservação da saúde do agricultor e do meio ambiente, também despertou esse gesto de solidariedade, em um exemplo de ajuda ao próximo.

O projeto foi realizado nas duas escolas de distritos pertencentes à Maracáí. No total, foram entregues oito bicicletas, sendo distribuídas quatro em cada escola, tendo ainda a doação de um computador para a escola Lourenço Carneiro, conforme definição da Secretaria Municipal de Educação de Maracáí.



Em cada escola foram premiados os alunos que fizeram as melhores redações e desenhos sobre o tema. A seleção envolveu um total de 40 produções em cada escola, entre os quais foram definidos os ganhadores por meio de votação que envolveu todos os professores da escola. A diretora, Josiane Tomazinho Sebastião comenta que para a maioria dos alunos o assunto foi novidade, pois embora estudem em uma área agrícola, muitos não têm contato com a agricultura propriamente dita. "Alguns moram no sítio e veem o pai mexer com os defensivos, mas outros tiveram contato com este tema agora, o que é importante para a saúde dos aplicadores e também para a agricultura", afirma. ■



Israel e Mateus, escola Prof Lourenço Carneiro



## CENTENAS DE CLIENTES JÁ COMPROVARAM OS RESULTADOS

[WWW.COOLSEED.COM.BR](http://WWW.COOLSEED.COM.BR)

### COMPROVE VOCÊ TAMBÉM.



**UTA\***  
UNIDADE DE TRATAMENTO DE AR



**SBJ\***  
SECADOR DE BANDEJA



**PCS\***  
RESFRIADORES DE GRÃOS E SEMENTES



**SRF\***  
SILOS RESFRIADORES

Os equipamentos Cool seed são destinados a manutenção da qualidade de grãos e sementes sendo tecnologias limpas e que reduzem custos e perdas na armazenagem.

**Cool seed a melhor opção em pós-colheita**

BR 277 Km 011, nº1500  
Santa Tereza d'Oeste - PR - BR  
+55 (45) 3231-1677/8819-8070

**Cool seed**  
TECNOLOGIAS DE PÓS-COLHEITA

\*A Cool seed se reserva ao direito de alterar seus equipamentos sem prévio aviso

# TIMAC AGRO LANÇOU O POTÁSSIO MAIS INTELIGENTE DA TERRA

A **TIMAC Agro**, empresa multinacional pertencente ao grupo francês Roullier, que se dedica ao desenvolvimento, produção e comercialização de tecnologias inovadoras para nutrição vegetal e animal, lançou o fertilizante sólido inovador, o **K-UP**, o potássio mais inteligente da terra.

O **K-UP** é considerado pela **TIMAC Agro** uma solução revolucionária que chegou para proporcionar aumento de produtividade e maior rentabilidade aos produtores, pois garante que todo investimento realizado em potássio seja realmente aproveitado pela planta.

Por possuir duas moléculas incorporadas a sua composição, o **K-UP** age de forma inteligente reduzindo a salinização, promovendo maior desenvolvimento de raízes e maior segurança para a lavoura, diferenciando-se, assim, de outros fertilizantes.

O **K-UP** conta ainda, com a proteção do potássio contra lixiviação, permitindo maior aproveitamento do elemento pelas plantas e reduzindo as perdas, especialmente em solos arenosos. O que não ocorre com a adubação convencional, pois o potássio sofre grandes perdas em profundidade (lixiviação), sua absorção se torna ineficiente, por estar longe do alcance das raízes.

A tecnologia incorporada no **K-UP** permite a liberação gradual do potássio conforme a necessidade da planta, resultando em maior absorção e maior aproveitamento, por ser liberado na quantidade e no momento exato que a planta necessita.

O **K-UP** já está presente nas principais regiões agrícolas do Brasil, procure um ATC (Assistente Técnico Comercial) da **TIMAC Agro**, pois ele fornecerá suporte e acompanhamento à sua lavoura.



Inteligente na maior produtividade • Inteligente na menor salinização • Inteligente na menor lixiviação do Potássio • Inteligente na absorção • Inteligente no maior residual

A tecnologia K-UP reduz em 89% o processo de salinização, promovendo mais raízes e maior segurança para a lavoura.

A tecnologia K-UP reduz em 68% o processo de lixiviação do K, garantindo que todo investimento realizado em potássio seja realmente aproveitado pela planta.

Possui liberação contínua para absorção conforme demanda da planta.

A tecnologia K-UP promove um maior residual do potássio no solo, possibilitando um maior aproveitamento das culturas sucessoras.

Amplie seus lucros. utilize K-UP e tire suas próprias conclusões.

#### UNIDADE SP:

Rua: Umbu, 265 - sala 12  
Centro Empresarial Alphaville  
CEP: 13098-325 - Campinas - SP  
Fone: 19.2139.6000 - Fax: 19.2139.6015

[www.timacagro.com.br](http://www.timacagro.com.br)



MOSAICO JOVEM

## 2 POR 4

MÚSICA, PALHAÇADA E COOPERATIVISMO  
DENTRO DA ESCOLA

Quarteto de cordas e dois palhaços fazem a alegria da escola em Maracá

por: BRUNA REIS

A diretora de riso fácil dá altas gargalhadas ao longo do espetáculo, e ao final, nos conta sua alegria de receber pela primeira vez uma peça de teatro na escola. Eliana Gorete de Andrade confessa que “sentia uma pontinha de inveja das escolas que já haviam recebido outros eventos deste tipo”. Ela viu a felicidade transmitida nos olhos dos alunos e professores através da música clássica que a peça circense “2 por 4” trouxe em seu roteiro.

Eliana observa que a proposta é muito interessante e a proximidade física das crianças com os artistas envolve ainda mais os alunos que estão acostumados a ver apresentações apenas no Centro Cultural. “Com certeza essa apresentação ficará pra sempre na memória deles”, garante.

O espetáculo apresenta um quarteto de cordas (dois violinos, viola e violoncelo) que chega para realizar a sua apresentação e é surpreendido por dois palhaços disputando para decidir quem será o grande regente do dia. No entanto, o grupo não estava aguardando um maestro e nem mesmo precisa dele. Muita coisa acontece no desenrolar desta situação.

Ao longo da apresentação o público cai na

gargalhada com as travessuras de Batata e Nerdolino, que usam vários artefatos para sacanear a tentativa de reger do outro. O quarteto, sempre tocando em perfeita harmonia, vai buscando formas de dizer que não precisa de regente, mas a dupla não permite a intervenção e segue fazendo graça.

Os palhaços, interpretados por Rani Guerra e Kleber Brianez, também ensinam o público sobre os instrumentos, a harmonia, a melodia, o tom e as demais propriedades do som. Os olhos das crianças brilham ao se depararem com os aparelhos acústicos de corda, seus tamanhos e beleza. No momento em que são tocados, levam os ouvintes pra dentro do universo da música clássica, tão distante da realidade da maioria do público.

Após todo tipo de sabotagem os dois entendem que juntos eles podem fazer algo bacana. É quando um boneco ganha vida e um “ohhhhhh” bem alongado é ouvido ao longe. A surpresa nos olhos das crianças é emocionante e em seguida, enfim, uma música completa é tocada. No repertório da orquestra ainda entram clássicos infantis como “Atirei o pau no gato”, onde toda a criançada é convidada a cantar e a bater

palmas.

A emoção certamente marcou o dia e a junção de música e do circo foi um dos principais motivos que encantou a diretora e as crianças. Além de ser a primeira vez na escola ainda havia a música, ali, pertinho. Um outro universo foi apresentado a essas crianças que visivelmente se encantavam a cada nota e riam a cada piada. Muitos alunos fizeram fila pedindo autógrafos aos artistas no fim da apresentação.

Mônica Camargo, colaboradora da Coopermota de Maracaí, lembra que ações como essa são parte da proposta da cooperativa de oferecer cultura nos locais onde está instalada. A cidade percebe e se envolve em todas as atividades muito consciente de que o benefício é para todos.

Quase 200 pessoas, entre alunos, professores e funcionários assistiram a peça a cada apresentação, dividida em dois períodos, mobilizando para a tarde inclusive alunos que haviam faltado na aula cedo por diversos fatores. A novidade de que tinha espetáculo na escola agitou todo o bairro que fica afastado do centro da cidade.

## } PARCERIA

A Coopermota viabilizou este espetáculo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oscar Campidelli através do projeto Mosaico na Estrada, em parceria com o SESCOOP/SP. Esta ação tem o objetivo de difundir a cultura nas escolas e garantir a formação de público para espetáculos de música, dança, teatro e outras expressões artísticas.

É também por meio deste tipo de atividade que a Coopermota presta serviço à comunidade, ampliando sua atuação para toda a população regional, não apenas ao seu cooperado. Cooperar é isso, partilhar do seu benefício com o máximo de pessoas possível. Em 2015 outras cidades entrarão no roteiro do Mosaico na Estrada, e quem sabe, não é bem pertinho de você! ■



MOSAICO TEATRAL

# ESPETÁCULO

## O PALHAÇO, A BAILARINA E O CARACOL

A peça Expresso Caracol da Cia dos Pés encanta moradores e cooperados de Palmital

por: BRUNA REIS

A menina com menos de dois anos segura o vestido e dança ao som de clássicos do balé e das músicas circenses que se escutava a cada intervenção do palhaço Leminski, interpretado por Daniel Neves, no espetáculo Expresso Caracol, da Cia dos Pés. Além do bailado da pequena, a dupla de atores, que também conta com a bailarina Gisela Zaghini interpretando Dimitréia, tira gargalhadas dos meninos na primeira fila da Concha Acústica de Palmital.

No bonito e agradável fim de tarde quase cem pessoas se acomodaram na arena ao fundo do espaço cultural para assistir a apresentação que une circo e dança numa divertida interação com o grande caracol de vime, guiado pelo diretor e criador da peça, Kesler Jamal. O personagem cênico é ganhador de vários prêmios de cenário. A grande armação passa a ter vida própria ao longo do show e passeia pelo palco pregando peripécias ao palhaço e à bailarina.

O espetáculo que une música, dança e circo, no primeiro ato busca apresentar grandes clássicos da dança mundial, e no segundo, após uma suposta despedida, a peça pega fogo nas palhaçadas. A partir da interação entre bailarina, palhaço e caracol

pifado, o público é surpreendido com várias traquina-gens que o “animal cênico” apronta com os dois personagens.

Não há saídas para o camarim, pois ele está no palco. É o caracol quem abriga as trocas de roupa e tudo que aparece em cena, como telefone, cobra, lanche e tantas outras surpresas. A brincadeira e interação constantes geram no público a expectativa sobre o que virá a seguir e sempre há novidade. Barulhos, fumaça e objetos entram e saem de cena no ritmo clássico de um picadeiro.

Idealizado pelo casal Angélica Zignani e Kesler Jamal em 2013, o Expresso Caracol viajou nove estados e em 2014 teve sua última apresentação justamente em Palmital, pelo Mosaico Teatral. O projeto do SESCOOP/SP foi viabilizado na cidade pela parceria da Coopermota com o Sicoob Credimota.

Não só crianças curtiram o evento, muitos adultos estavam no local prestigiando a ação cultural e também marcaram presença, como o presidente da Coopermota, Branco Fadel e a prefeita de Palmital, Ismênia Mendes Moraes, que se divertiram como os pequenos. O riso solto tomou conta

da concha, que de fato, tem uma acústica impressionante.

A noite entrou mais feliz naquele domingo de dezembro em Palmital e ao longo de 2015 mais espetáculos serão apresentados em nossa região. O SESCOOP e a Coopermota com outras cooperativas parceiras continuarão plantando a semente da cultura e colhendo emoções.



# Natal

época de plantar **amor**  
e colher bons **frutos**

NOVAMCP



 **Coopermota**  
Sempre ao lado do agricultor

# MANEJE \_\_\_\_\_ SEU TEMPO APLIQUE FULLTEC



**SPRAYTEC**  
SPRAYTEC FERTILIZANTES

**Mais praticidade, mais sanidade, com maior lucratividade**

[www.spraytecfertilizantes.com.br](http://www.spraytecfertilizantes.com.br)

